



umanitas

71

a(s) leitura(s) do aforismo de Arquíloco, nas suas múltiplas dimensões – semântica, filosófico-pragmática, literária, retórico-política – consubstanciam o mérito da publicação, validando o vigor e a perenidade desta alegoria na Cultura Ocidental e funcionando como estímulo aos estudos de teoria literária e aos estudos de recepção.

ANA ISABEL CORREIA MARTINS

Pós-doutoranda da Fundação para a Ciência e Tecnologia
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
anitaamicitia@hotmail.com
orcid.org/0000-0002-5425-9865
https://doi.org/10.14195/2183-1718_71_8

RAFFAELLI, Renato & Tontini, A. Alba (coord.), *Lecturae Plautinae Sarsinates XVIII. Stichus*, 112pp., Urbino, QuattroVenti, 2015, ISBN 978-88-392-1000-5

No dia 27 de Setembro de 2014 decorreu em Sársina, na sede do *Centro Internazionale di Studi Plautini*, a XVIII edição da *Lectura Plautina Sarsinatis*, dedicada desta vez à peça *Stichus*. Do encontro resultou esta publicação, editada em 2015. Na “Presentazione” (pp. 7-8), C. Questa e Renato Raffaelli, fazem uma síntese do programa do evento: apresentam uma resenha do encontro do ano anterior, cujos resultados constituem o volume XVII desta série, sobre a *Rudens*, e que acabara justamente de ser editado; dão a notícia de que R. Raffaelli, em consequência de se reformar da vida académica, deverá também abandonar do cargo de Diretor do referido Centro, com um agradecimento especial aos colaboradores; fazem uma síntese dos trabalhos da XVIII *Lectura* e, finalmente, anunciam a XIX, para 2015, sobre a peça *Trinummus*.

Na habitual rubrica desta série, “A proposito dello *Stichus*”, Raffaelli parte do argumento inicial em acróstico para fazer uma análise do enredo tendo em mente a comparação com outras peças. Este texto encontra-se compilado, juntamente com a análise dos argumentos das outras peças, num outro livro, também a cura di Renato Raffaelli, *TuttoPlauto. Un Profilo dell'autore e delle commedie*. (Urbino, QuattroVenti, 2014, pp. 128-132)

Na secção das “Relazioni” encontram-se quatro contribuições. A primeira, de Maria Cristina Zerbini, propõe-se tratar “Io è un altro:

identità dimezzate, raddopiate, confuse nello *Stichus* di Plauto” (pp. 15-36). A autora, de *La Sapienza* (Roma), propõe-se analisar como jogos linguísticos com pronomes são, como sugere o título, mais que simples brincadeiras do momento e se debruçam sobre um tema central do teatro e, ao fim e ao cabo, de toda a literatura – o da identidade (p. 16). Propõe-se, por isso, ler três passos, já de si muito comentados, como variações sobre o tema da identidade, a partir da análise do uso inusitado, ou gramaticalmente forçado, de pronomes pessoais. Com esse intuito, começa por analisar o *apologus* de Antifonte (vv. 538-567), um caso de identidade dividida, em que a terceira pessoa (um “outro” do passado, inventado pela personagem) se identifica com a primeira pessoa do presente (*quasi ego*), o sujeito que fala, quebrando, na linguagem de Genette, as fronteiras entre o mundo no qual se narra e o mundo que se narra. Centra-se depois na apóstrofe a si próprio do parasita Gelásimo (vv. 632-640), como exemplo de identidade reduplicada, à semelhança da Hécuba de Eurípidés (*Hec.* 736-738), tipo de solilóquio que é frequente em Plauto. Finalmente analisa a confusão e mistura de identidades na cena simposiaca final, desafiando os limites da lógica da língua (*ego tu sum, tu es ego*). Conclui que o motivo é multifacetado, mas tal é também a natureza da identidade, e a grandeza do teatro está em reflectir aquela característica da vida.

O segundo texto, de Gianna Petrone (Università degli Studi di Palermo), “*Stichus, commedia di situazioni*” (pp. 37-53), procura demonstrar que esta comédia não é desconexa, mas que apresenta fortes vínculos internos centrados sobretudo nas tensões e relações que, como diz a autora (p. 39), se complicam e reequilibram entre os vários elementos da família, motivos que servem para concatenar as partes. Demonstra pois esta perspectiva com uma análise das partes sucessivas da peça, explorando os motivos de ridículo, para os quais a observação da moralidade romana por parte das duas matronas irmãs e o rompimento pelo pai representam um pano de fundo. Explora o contraste entre a derrota do parasita, a quem é negada a comida, com o banquete servil, no contexto do qual se explica ainda o papel de Estico, um simposiarca travestido de comandante militar, o que justifica o nome da peça.

Quanto à terceira intervenção, da autoria de Salvatore Monda (Università degli Studi di Molise), “*Stichus sive Nervolaria: origini, sviluppi e fortuna di una congettura*” (pp.55-65), parte do facto de dois versos da comédia serem citados por Festo como extraídos da *Nervolaria*

(comédia não varroniana), o que pode ter várias explicações: pode ser uma repetição de Plauto ou um equívoco de Festo, mas também se poderia tratar de uma comédia com dois títulos ou ainda duas comédias com partes comuns. O autor opta pela hipótese de um erro de citação, aduzindo a conjectura de que a confusão pudesse ter origem em Vétrio Flaco e ter sido reproduzida por Festo.

Por último, Guido Arbizzoni (Università degli Studi di Urbino Carlo B0) apresenta “Un anomalo volgarizzamento rinascimentale: Lo *Stico* tramandato da Marin Sanuto”. Quanto ao manuscrito (1), trata-se de uma das peças do códice da Biblioteca Nacional Marciana de Veneza (it. IX.368), mais especificamente do 2.º fascículo (Cc 48-147), um autógrafo de Marino Sanuto, que contém as adaptações em vernáculo dos *Menaechmi* e do *Stichus*. No que respeita ao ponto 2, “il metro”, salienta-se a estrutura métrica inesperada, por comparação com outras peças transmitidas no mesmo conjunto, com organização estrófica inspirada no género musical de corte italiano conhecido como frottola: um metro também usado em outras representações, entre as quais um tipo de representação popular de cariz sexual, o “mariazo” ou “maritazo”. Quanto ao “testo scenico”, ponto 3, o autor destaca o distanciamento em relação ao modelo plautino, no facto de que menos de um terço dos versos são traduzidos e de que toda a segunda parte da peça original é suprimida. Dadas as particularidades desta peça, relativamente a outras de modelo plautino, o autor aproxima-a, no ponto 4 (“Osservazioni finali, ma non conclusive”) de um eventual projeto de *mariazo* sério, mas reconhece que as dúvidas são muitas.

Seguem-se duas “comunicazioni”, ambas sobre a tradição manuscrita e a *Itala recensio* dos textos plautinos levada a cabo pelos humanistas. Alba Tontini (da Universidade de Urbino), debruça-se sobre “Il lavoro filologico degli umanisti nello *Stichus*”, comentando algumas variantes dos manuscritos e procurando explicações lógicas das ocorrências. Giorgia Bandini (também da Universidade de Urbino) explora a analogia e diferenças entre o códice Wien, Österreichische Nationalbibliothek, 3168, designado por W, e o de S. Lorenzo del Escorial, Real Biblioteca del Monasterio, T. II.8, conhecido como S, comentando especialmente as diferenças nas anotações à margem ocorridas em diferentes fases.

Julgo que seria útil a inclusão de um índice de passos e eventualmente de personagens, mas tal entraria em contradição com a restante estrutura da série. É pois de saudar a publicação deste interessante livrinho que,

na sequência dos números anteriores, constitui um importante contributo para impulsionar e disseminar os estudos sobre Plauto e a sua receção entre os humanistas.

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO
Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
jlbrandao@fl.uc.pt
orcid.org/0000-0002-3383-2474
https://doi.org/10.14195/2183-1718_71_9

SOARES, Carmen; FIALHO, Maria do Céu; Figueira, THOMAS (eds.), *Pólis/Cosmópolis. Identidades locais & globais*, 386 pp., Coimbra, IUC/Annablume, 2016, ISBN: 978-989-26-1279-9³

Dentre os muitos méritos que se pode entrever na obra, destacam-se o carácter transdisciplinar e a proposta de entrecruzar problemas inerentes tanto à dimensão do espaço – a pólis/cosmópolis – quanto à de seus ocupantes – as identidades, mobilidades, encontros e convergências – desde o mundo antigo até o novo mundo.

Já o *Prefácio* ressalta as noções de coexistência entre identidades regionais e globais, minorias e maiorias; de evolução de padrões éticos; de intercâmbio em grandes espaços de sínteses multiculturais; e de fulcro de convergência cosmopolitana de saberes – noções todas que, construídas ao longo dos 23 contributos, sintetizam a contribuição maior da obra para estudiosos de diversos ramos das ciências humanas na lusofonia: a fértil discussão sobre como a herança do passado se incorpora criticamente na construção da modernidade. Por razões de espaço, me limitarei a comentar aqueles textos que me parecem sejam os mais inovadores e/ou vetores de discussões cardinais para a construção das noções que estruturam a obra.

Regimes políticos nas Histórias de Heródoto. O “Diálogo dos Persas” (3.80-82), de C. Soares, entrelaça duas propostas hermenêuticas engenhosas: a de ler o referido diálogo herodotiano como uma “‘ficha de leitura’ dos casos de governantes e governos já retratados e dos que as *Histórias* ainda

³ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.